

23) O sofrimento fecundo

Jesus não distanciou o sofrimento de si, porque não queria, não podia separar-se do amor. Sofreu até o fim, porque amou até ao fim. Por isso, todo o sofrimento vivido em Cristo, tornou-se pascoal: a passagem através, da qual, a dor passa para alegria da sua vitória. Todo o sofrimento, em Cristo, podem se tornar a dor do parto.

Todavia, isto é impossível ao homem; isto é obra de Deus, o milagre que o Crucificado realiza imediatamente para sua Mãe. O sofrimento de Maria diante da morte de seu Filho, transformou-se em dores de parto da humanidade nova, da humanidade que vive do amor de Cristo.

Além disso, quando São Bento fala de "suportar", "carregar" sobre si alguém físico ou moralmente frágil, não lembra a imagem de uma mãe, que carrega sobre si ou em seus braços, uma criança?

Toda conversão deve, portanto, passar por lá, por aquela passagem do nosso sofrimento estéril a um sofrimento fecundo do parto; como para São Pedro: "Tu me amas?" (Jo 21): é o convite e a oferta que Jesus lhe faz, de passar do sofrimento ainda estéril da renegação e do remorso, ou do voluntarismo na oferta da sua vida, ao sofrimento do parto, do amor, ao sofrimento fecundo: "apascenta as minhas ovelhas".

Portanto, todo sofrimento de amor é um sofrimento de parto, como Jesus lembra, em seu discurso durante a última Ceia: "haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza se há de transformar em alegria. Quando a mulher está para dar à luz, sofre porque veio a sua hora. Mas, depois que deu à luz a criança, já não se lembra da aflição, por causa da alegria que sente de haver nascido um homem no mundo. Assim também vós: agora estais tristes, mas hei de ver-vos outra vez, e o vosso coração se alegrará e ninguém vos tirará a vossa alegria" (Jo 16,20-22).

Existem, no Evangelho e na Regra, sinais que denotam todo sofrimento que se une ao amor, como a oferta, perdão, paciência, serviço, dom da vida. E estas são dimensões, características da paternidade/maternidade, da geração. "Dar a vida" significa, ao mesmo tempo, morrer e gerar; dar a própria vida, perdê-la, e dar a vida a outro, gerar. Os dois movimentos são distintos, mas também coincidem. Há momentos, experiências, em que coincidem, momentos em que gerar significa sofrer e morrer, e talvez o sofrimento está, sobretudo, onde o dom da vida, o "morrer pelo outro," não é certeza de gerá-lo, de dar a vida ao outro, não garante que o outro viva. É o sofrimento da agonia, da Paixão de Jesus: aquela de dar a própria vida, sem ter a certeza de que todos os homens se deixem gerar, vivificar, por esta oferta.

Jesus, porém, nos testemunha que nesta prova, nesta agonia, há o consolo de uma fé: da fé que a geração é mais forte que a morte, que o dom da vida, enquanto paternidade, é ontologicamente mais forte, mais potente da oferta da vida na morte, através do qual deve passar; a fé que acredita que as dores do parto cederão o lugar à alegria da vida do filho; fé que a Páscoa é mais forte que a Sexta-Feira Santa, que o Sábado Santo; a fé de Maria, tipicamente feminina, tipicamente materna. Jesus, na cruz, confiando João a Maria, é como se apoiasse sobre a fé materna de sua mãe. A sua oferta da Vida através da morte na Cruz, gerará o povo

dos redimidos, gerará a Igreja. A fé de Maria O conforta, Lhe dá a certeza de que isto acontecerá realmente, apesar de todas as aparências de abandono e negação da parte dos seus.

O parto é o verdadeiro sentido da agonia, aquilo que faz com que a agonia seja para a vida e não para a morte. A agonia da Priora no *Diálogo das Carmelitas* de Bernanos é terrível, porque ela deve gerar à vida de Cristo sua filha mais nova, a mais frágil, Blanche de la Force. A agonia do Pároco de aldeia, que dura todo o romance, é também esta para gerar seu rebanho. O Pároco descreve assim em seu Diário o momento em que se encontra diante do corpo da condessa, que tinha acabado de acompanhar à liberdade dos filhos de Deus, pouco antes de morrer: "Levantei a musselina, acariciada com os dedos, a fronte alta e pura, cheia de silêncio. E eu, pobre padrezinho, diante daquela mulher, ainda ontem, superior a mim pela idade, nascimento, sorte, inteligência, compreendi – sim, compreendi – o que é a paternidade" (p 173).

A lei da geração é que todo o sofrimento que contém vem superada pela vida, pelo amor, pela alegria. E esta lei é universal, como uma imagem divina inscrita em toda criação; aquela que São Paulo descreve em sua Carta aos Romanos:

"Tenho para mim que os sofrimentos da presente vida não têm proporção alguma com a glória futura que nos deve ser manifestada. Por isso, a criação aguarda ansiosamente a manifestação dos filhos de Deus. Pois a criação foi sujeita à vaidade – não voluntariamente, mas por vontade daquele que a sujeitou – todavia com a esperança de ser também ela libertada do cativeiro da corrupção, para participar da gloriosa liberdade dos filhos de Deus. Pois sabemos que toda a criação geme e sofre como que dores de parto até o presente dia. Não só ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos em nós mesmos, aguardando a adoção, a redenção do nosso corpo." (Rm 8,18-23).

O lugar do sofrimento no amor é a geração, imagem e semelhança, na criação, da Geração eterna do Filho ao Pai, no Espírito Santo. A graça da Encarnação de Cristo, da sua Paixão e Morte, e a graça do dom do Espírito, é que o nosso sofrimento pode tornar-se um trabalho de parto, onde o amor é aquele de Deus, onde o amor é o Espírito em nós, e cujo fruto é Cristo, o Corpo de Cristo, a Igreja.

São Paulo fala de "gemidos inexprimíveis" do Espírito (Rm 8,26). O Espírito Santo, que é Amor, geme. O Espírito, com o qual o Pai gera eternamente sem dor o Filho, toma as dores do parto dos homens, para que nasçam à vida filial. Faz-se gemido do Crucificado que grita na Cruz para dar à luz a Igreja, do seu lado trespassado ...

É neste sentido que o amor é maior que o sofrimento. É preciso sofrer com a esperança do parto, com a esperança de uma nova vida sempre possível, porque esta não vem de nós, é um dom de Deus. Caso contrário, o sofrimento é estéril, "auto-com-paixão", e isto é contraditório e absurdo, é uma mentira, um desvio sobre si do sofrimento pelo outro.

A graça é de perceber isto. A graça das graças é que, até mesmo, aquele sofrimento estéril que é, muitas vezes, o nosso, seja este também, este sobretudo, ser oferecido para uma geração misteriosa que ressuscita também o nosso amor.